

# Fotografia animada no webjornalismo: interfaces e multimídia

Dulcília Helena Schroeder Buitoni<sup>1</sup>

## 1. Introdução

São inúmeras as possibilidades de apresentação de texto e imagem na tela de um computador e, conseqüentemente, no jornalismo praticado na web. A tela digital permite infinitos arranjos e combinações. No entanto, caminhos mais expressivos e criativos são pouco utilizados. O jornalismo na web sofre de uma série de injunções. A necessidade de ocupar espaço na rede, rapidamente, fez com que houvesse um processo de transposição de padrões dos meios impressos. Assim, há dez anos – e ainda hoje – muitos jornais na web são clones da versão impressa. A página é dominada pelo texto – títulos, colunas, blocos menores, alguns links. Fotos, ilustrações e gráficos obedecem à mesma disposição de cinquenta anos atrás.

E mais um agravante – o próprio jornal impresso, ao se informatizar, já diminuía a ousadia no design gráfico, limitando-se a páginas e caixas muito padronizadas, pois isso facilitava a operação industrial – da escritura à impressão final. Nessa linha de raciocínio, o webjornalismo padece duplamente de formatação “comportada”: replica o jornal impresso que, por sua vez, ao passar pela informatização, recorreu a padrões pré-fixados e abandonou páginas e imagens inovadoras que já utilizava há tempos. Esta reflexão irá privilegiar o fotográfico dentro do jornalismo na web, apoiando-se em autores como Josep Maria Català e Leo Manovich. Pergunta-se: há

---

<sup>1</sup> Dulcília H.S.Buitoni, formada em Jornalismo pela ECA-USP, doutora em 1981, livre-docente em 1986 e professora titular de Jornalismo da ECA em 1991. Professora de graduação da ECA desde 1972 e de pós-graduação desde 1981. Atualmente é professora do Programa de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero e coordena o Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura Visual.

vida inteligente nas fotografias dos jornais online? Do mesmo modo, o raciocínio do modelo padronizado se aplica. Dos anos 1950 a meados dos anos 1990, houve inovação no uso da fotografia pelo jornalismo no impresso brasileiro. Basta lembrar as revistas *Cruzeiro e Realidade* e o *Jornal da Tarde*, entre outros. Depois, a formatação imperou.

Ao observarmos a fotografia em jornais da web, notamos uma apresentação muito óbvia na maioria dos veículos. Num levantamento panorâmico efetuado nos principais jornais norte-americanos, europeus e latino-americanos, notamos pouca inovação. Destacam-se títulos de língua espanhola: [www.elpais.com](http://www.elpais.com) e [www.elmundo.com](http://www.elmundo.com) (Espanha) e [www.clarin.com](http://www.clarin.com) (Argentina). E conforme acompanhamos tais jornais nos últimos quatro anos, percebemos no *Clarín* tratamentos que aproveitam a complexidade da imagem, ampliando e acrescentando sentidos.

## 2. Fotografia e webjornalismo

Em textos anteriores<sup>2</sup>, perguntávamos: “existem formatos minimamente inovadores no jornalismo online? As potencialidades do visual, as potencialidades de diferentes níveis de leitura e de interatividade têm presença nas telas da Internet? Ou ainda o material está bastante conformado: o que prevalece é o modelo do texto linear – o livro como primeira matriz – ,seguido pelo jornal impresso da grande imprensa? A visualidade das revistas, um pouco mais expressiva, parece não ter tido muito influência.”

Levantamentos têm mostrado que os recursos digitais não são explorados como poderiam. “A grande maioria dos sites tem uma apreensão frágil do hipertexto e da relevância e significado do link como elemento de

---

<sup>2</sup> No paper “Imagens semoventes: fotografia e multimídia no webjornalismo” apresentado ao NP-Fotografia: Comunicação e Cultura, no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2007, Santos, SP, mostrávamos alguns formatos inovadores do Clarín.

'costura' do ciberespaço", diz Sérgio Corrêa Vaz (VAZ, 2006, p.218), em dissertação, por mim orientada. Vaz analisou 737 sites jornalísticos brasileiros, verificando que há pequena presença de multimídia e de interatividade.

Josep M. Català, professor da Universidad Autònoma de Barcelona, defende que a imagem não seja simplesmente ilustração de um conhecimento expressado mediante a linguagem verbal e sim que se converta em co-gestora desse conhecimento (Català, 2006, p 85). Ao formular o conceito de imagem complexa nesse livro fundante, o autor está querendo ir muito além da imagem mimética predominante na mídia: ele está refletindo sobre a necessidade de buscar parâmetros de uma nova visualidade que transcenda a visualidade científica tradicional. Para isso, é preciso diluir as fronteiras ontológicas entre arte e ciência.

No Grupo de Pesquisa "Comunicação e Cultura Visual", vinculado à pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero, buscamos, entre outros objetos, usos não convencionais da imagem fotográfica. Faz parte da cultura jornalística privilegiar a imagem mimética. Visa-se a identificação imediata, a ilustração, a rememoração da figura conhecida. Com a aceleração midiática contemporânea e a facilidade de produção e de reprodução de imagens, jornais impressos e na web lançam mão de fotos que sejam acessíveis em termos de tempo e dinheiro. O cuidado na escolha e na edição de uma imagem acaba sendo reservado a temas mais contundentes. Na rotina, vale a quantidade. Assim, centenas de imagens passam – ou correm – sob nossos olhos diariamente. Objetos e pessoas são intercambiáveis, podem ser rapidamente substituídos. Difícil perdurar por algumas semanas – no caso do impresso – ou horas, no caso da internet. A substituição é o processo soberano – e na rede tudo ainda é mais acelerado. Tudo pode sumir no próximo segundo. Tudo pode ser deletado.

Num ou noutro webjornal vislumbramos fotografias que denotam camadas estéticas e significativas. E então o *Clarín* se sobressai nitidamente. O *Clarín* impresso e o digital pertencem a um conglomerado de mídia, que inclui TV e rádios. O diário impresso foi fundado em 1945, em formato tablóide, sendo hoje o principal jornal da Argentina. O *Clarín* é o objeto deste artigo por sua utilização da imagem fotográfica. Fotos, animações de chapas fixas, infografias, espaços para fotojornalismo, produções multimídia feitas com grande apuro formal tornam esse jornal um campo fértil para investigação.

O *Clarín.com* também começou, em 1996, espelhando formas da versão impressa. Carlos A. Scolari (SCOLARI, 2004) nos mostra que o *Clarín.com* era uma espécie de reprodução online do jornal impresso. Trazia links classificados como paratextuais, isto é, que abrem possibilidades de acesso a serviços que não pertencem à esfera do discurso informativo do periódico, tais como noticiários da Rádio Mitre, salas de chat etc. Era uma espécie de homepage dupla, que foi eliminada em 1998, com a integração de conteúdo e serviços num mesmo espaço. Em 2003 havia três colunas e, finalmente, desde 2006, a apresentação é dividida em duas colunas verticais, uma com notícias que se sucedem, com indicação do horário de cada uma e outra com links que mantêm grande articulação com o conteúdo informativo.

O *Clarín* online explora possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais, especialmente em se tratando de visualidades. Desde 2006, notamos formatações que enriquecem pequenas matérias do cotidiano. Encontramos sob o título “videoentrevistas” uma janela que mostra um retrato do personagem, enquanto ouvimos sua fala – que quase sempre é reproduzida em legenda abaixo da foto. O diferencial está no movimento adicionado à foto por meio de um zoom que opera lentamente, tentando

acompanhar a cadência da fala. Não é vídeo, apesar de ser rotulado como vídeoentrevista. Uma única foto estática parece adquirir vida ao se focalizar um detalhe: o gesto da mão, o sapato, o colar no pescoço, a caneta... Falam o escritor, o ator iniciante, a professora do interior, a dona-de-casa. São assuntos de média importância, das editorias de cultura ou cotidiano, mas que adquirem toda uma expressividade com esse tratamento. O trabalho da imagem sincronizada com o som produz um formato híbrido que interage com a fala: um recurso simples, mas de grande efeito. A informação foi estetizada e ganhou mais força jornalística.

O diário digital dedica espaços privilegiados para o fotojornalismo. Há uma extensa seção chamada de "Multimedia" que reúne de ensaios fotográficos a produtos multimídia de elaboração apurada, verdadeiras produção especiais. "Fotoreportaje" e especiais estão à disposição em arquivo que reúne produções de até alguns anos atrás, como é o caso de "[Borges en Clarín](#)", que escolhemos para analisar como exemplo de trabalho com recursos multimídia. Meu primeiro contato com "Borges en Clarín" foi em meados de 2006. Até agora, junho de 2008, ele está disponível no diário online.

A seção "Fotoreportaje" é editada como galeria de fotos. Destacamos a possibilidade de acesso a um grande número de ensaios, com diversidade de temas – violência, pobreza, animais domésticos, ecologia, guerra, questões internacionais, questões históricas etc. Ao lado de ensaios de apurada elaboração, podemos encontrar fotos realizadas por jovens de periferia em oficinas fotográficas: há espaço para diferentes tipos de produção, o que mostra toda uma política de inclusão de visualidades.

### 3. Fotografia-animada: interfaces



FIGURA 1 – Página Inicial de “Borges en Clarín”  
FONTE - Clarín.com, Seção Multimedia, Acesso: <http://www.clarin.com> - nov.2007

A seção “Multimedia” traz produções que utilizam recursos de multimídia e reportagens especiais; escolhemos uma que é emblemática na utilização de visualidades com movimento, colagens de imagens e falas, com possibilidades de pausas para ler textos indicados ou ouvir declamação de poemas. “Borges en Clarín” (FIG.1) é um produto que viabiliza muitas possibilidades anunciadas pelos pesquisadores das mídias digitais. Fotografias comuns, retratos 3x4 e fotos de arquivo ganham relevância, articulam-se em narrativas, sugerem poemas, decorrências, comparações, memórias. Fotos dos entrevistados servem para identificar quem está falando, sem que haja uma frase ou legenda específica. Hipertexto,

interatividade, leitura personalizada, fruição estética estão nessa reportagem/ensaio visual animado.

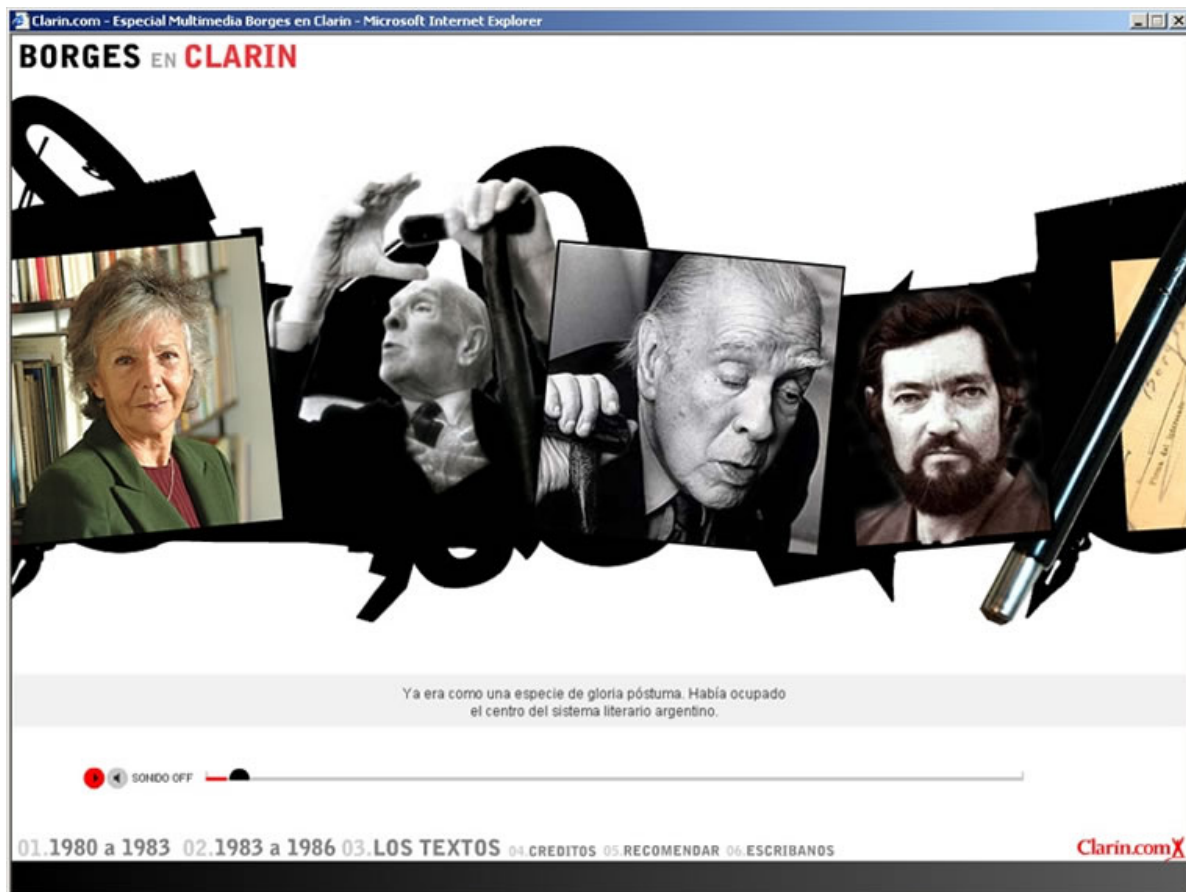


FIGURA 2 – Trechos iniciais do produto multimídia “Borges en Clarín”  
 FONTE - Clarín.com, Seção Multimedia, Acesso: <http://www.clarin.com> - nov.2007

Esse ensaio nos fala – literalmente – sobre os textos de Jorge Luis Borges publicados no Suplemento “Cultura y Nación” do *Clarín* impresso, de 1980 a 1986. São contos, poemas, comentários literários e reflexões sobre a de então. A primeira fala é da escritora Beatriz Sarlo. Jornalistas, escritores, críticos literários (FIG.2), biógrafos e amigos vão aparecendo numa tira desenhada, entremeadada de fotos de diferentes momentos de Borges, caricaturas, imagens de seus textos, fotos jornalísticas como as mães da Plaza de Mayo, prisões, fotos de objetos pessoais de Borges. Ao fundo, uma música suave e as falas dos que opinam sobre o grande escritor: a

identificação é feita auditivamente (voz de homem para a voz de mulher, por exemplo), complementada pelo aparecimento da foto com o nome do entrevistado. A foto serve como porta que abre para o hipertexto. As imagens caminham horizontalmente, num sentido não muito comum em matérias do webjornalismo. O sentido predominante na maioria dos jornais na web é uma rolagem vertical; a direção horizontal faz com que o processo de percepção das imagens permaneça por mais tempo. O leitor/espectador tem mais condições de exercer sua competência iconográfica e estética. As fotos de "Borges en *Clarín*" trazem muitos rostos, numa estética que a princípio parece simplesmente identificatória. Mas não. São fotos 3x4, muitas de Borges, outras dos entrevistados que dão depoimentos sobre o escritor. Temos ainda fotos de personagens mencionados, como Che Guevara.

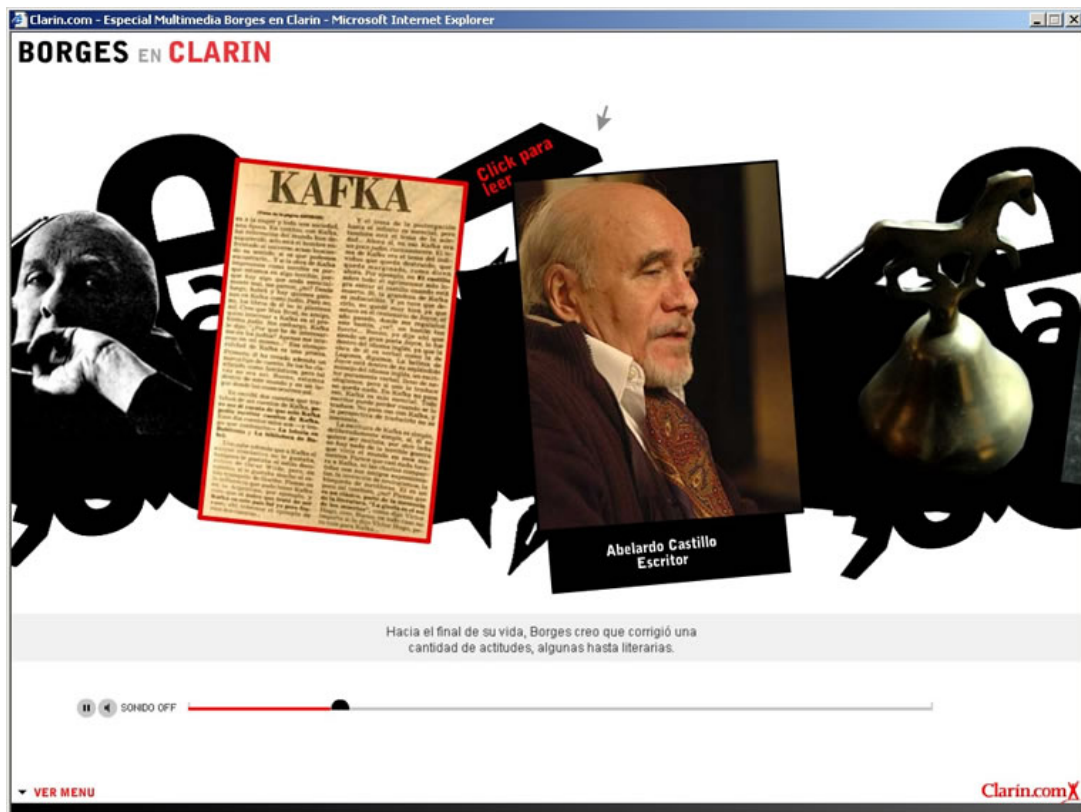


FIGURA 3 – Trecho de "Borges en *Clarín*" com link para leitura  
FONTE - *Clarín.com*, Seção Multimedia, Acesso: <http://www.clarin.com> - nov.2007



A movimentação da tira com recursos de animação cinematográfica permite que se faça uma aproximação ao que hoje está sendo conceituado como documentário animado (em inglês, *animated documentary* ou *animetary*). Foram incorporadas imagens desenhadas: as fotos se movimentam como se fossem uma segunda camada. Por baixo, a tira desenhada tem alguns movimentos próprios: são dois espaços concomitantes que criam intercorrências visuais. Aparecem links dotados de movimento (FIG.3) para se ler os textos (em forma de fac-símile) que foram publicados no diário impresso ou para ouvir declamações feitas por uma atriz. É possível também clicar na barra de menu inferior e ler todos os textos do período. A emissão tem a duração mínima de dois blocos de seis minutos, mais ou menos, cada um, se nenhum link for aberto.

Estamos diante do que Lev Manovich chama de montagem espacial: “em geral, a montagem espacial poderia comportar várias imagens, potencialmente de distintos tamanhos e proporções, que apareceriam na tela ao mesmo tempo” (MANOVICH, 2006, p.398). Para Manovich, a montagem espacial representa uma alternativa à montagem cinematográfica temporal, ao substituir o modo sequencial tradicional por um espacial. “Borges en *Clarín*” constrói uma sequência com base em articulações espaciais.

A leitura/audição de “Borges en *Clarín*” pode ser interrompida e passada a outras séries, sonoras ou de leitura verbal. A leitura segue na horizontal, sentido pouco encontrado na Internet. Não se pode considerar o receptor um co-produtor como em algumas outras produções digitais contemporâneas; porém, ele tem uma liberdade muito grande de construir sua própria sequência. Nessa linha, a informação distancia-se da noção de mensagem. Geane Alzamora acentua que no ciberespaço o fluxo é

heterogêneo, intercambiável e processual (ALZAMORA, 2004, p.108). “Borges en *Clarín*” propõe o tempo todo relações dinâmicas entre o tema e as várias formas comunicativas.

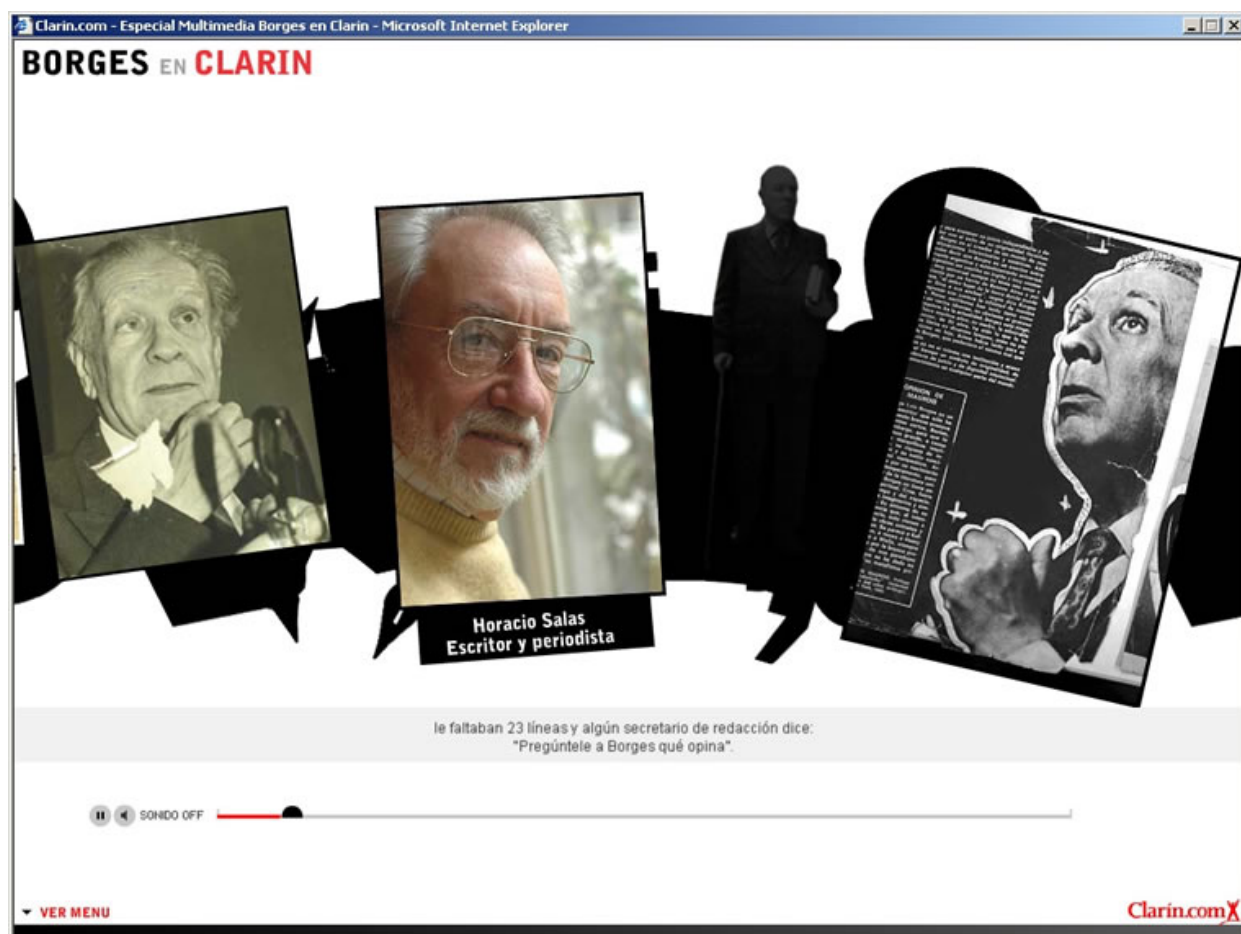


FIGURA 4 – Trecho com fotos de Borges e “quadro” com o jornalista que está dando depoimento sonoro.

FONTE - *Clarín.com*, Seção Multimedia, Acesso: <http://www.clarin.com> - nov.2007

O leitor-ouvinte tem diferentes fruições, muitas vezes simultâneas – ouvir a música ao fundo; a voz de cada um dos entrevistados, reconhecendo auditivamente a passagem de um para outro; ler a reprodução das falas; ver fotos de Jorge Luis Borges (FIG. 4) de várias épocas; ver e reconhecer fotos de personagens citados, como Cortazar; interromper o fluxo para ouvir a declamação de um poema ou para ler este ou aquele texto do grande

escritor. É uma construção que se afasta muito dos conteúdos jornalísticos convencionais transmitidos pela internet. Estamos diante de imagens complexas, na concepção proposta por Josep M. Català. As fotos não são apenas ilustrações de um conhecimento expressado mediante a linguagem verbal; a imagem visual é co-gestora do conhecimento, junto com a palavra. Como classificar “Borges em *Clarín*”? Seria um videoclip, um ensaio, uma reportagem, um artigo, um documentário animado? Há apuração jornalística, há fotos referenciais, há design, há animação... E a tela não foi usada inteira, como geralmente acontece na internet. Temos a barra de menu, mas há muito branco e a imagem corre apenas no meio da tela, num movimento horizontal, e não vertical.

Os créditos de “Borges em *Clarín*” discriminam: edição e produção jornalística, desenvolvimento de multimídia, edição de multimídia, fotografia (Ary Kaplan Nakamura, fotógrafo que tem outros ensaios nesse jornal), direção de multimídia, gerente de conteúdo *Clarín* Global e o editor geral do *Clarín*, traduzindo a complexidade dessa produção. A imagem se move, tem um fluxo que não é o do plano-sequência ou da montagem videográfica ou cinematográfica. A imagem que aparece faz com que o receptor perceba o laço imaginário e identifique o dono da voz que está discorrendo sobre o grande escritor.

Nessa tira animada, temos fotos de objetos, imagens de Borges – em pé -, páginas de revista, páginas de jornal. Tais imagens exigem do usuário um conhecimento cultural – para que se possa usufruir vários níveis de leitura desse desenrolar. A imagem não é só a da escritora Beatriz Sarlo; a imagem adquire um papel de interface. Ao surgir alguém que dá depoimento (cujo nome aparece só na primeira vez em que se ouve a fala), relacionamos foto, legenda e voz. Mais adiante, outro personagem (e vemos na foto, identificada na legenda) fala sobre Borges. Nas outras vezes, não há

legenda com nome, mas sabe-se que o dono da voz é a pessoa da foto que está se deslocando horizontalmente na tela (mais um índice nos ajuda, a voz de homem substitui a de mulher e vice-versa): percebemos que a pessoa da foto é a dona da voz que ouvimos. São convocados ao mesmo tempo diferentes níveis de percepção. O áudio aporta significações: a autoria do depoimento, a entonação, o colorido de uma voz ou outra. Ao mesmo tempo, a articulação entre fotografia fixa e depoimento na própria voz do entrevistado confere mais realce ao teor do que está sendo dito – mais do que se fosse uma gravação em vídeo, com a pessoa emitindo as falas. Às vezes a imagem funciona como portal a um outro mundo. Não estamos diante de uma representação que remete a uma figura ou a um registro “realista”. Para além da representação, a fotografia exerce o papel de interface.

A discussão sobre a fenomenologia da interface vem ultrapassando um nível eminentemente técnico e se dirige a um plano conceitual. As considerações de Català sobre a gestualidade da interface aplicam-se admiravelmente a “Borges em *Clarín*”: “não podemos esquecer que, apesar desta fundamentação visual, na interface intervêm também textos e sons. Os textos, no âmbito da interface, como no âmbito do computador em geral, aparecem em primeiro lugar debaixo de um regime visível, isto é, num modo de imagens. Mas isso não quer dizer que não conservem suas qualidades textuais e seu potencial hermenêutico como textos; inclusive esse potencial é acrescido em sua combinação com as imagens” (CATALÀ, 2006, p.579).

São imagens que remetem a um referente, a um “real”, mas também são imagens-instrumento, pois inserem-se no processo narrativo, acelerando-o; suspendendo-o, para abrir outras formas de leitura e/ou fruição ou diminuindo a velocidade. Estas fotografias são imagens

complexas, pois transitam por séries informativas, séries multimídias, séries culturais. Elas não estão apenas “ilustrando” um conteúdo. Elas se relacionam ao ritmo, à sequência, elas estão vinculadas a outras imagens, elas estão articuladas com o andamento do texto, ele também processado como hipermídia.

E muitos sentidos entram em ação: o ver, o ouvir, o ler, o agir com o mouse, para explorar as possibilidades que se multiplicam em várias direções. Nas interfaces de “Borges em *Clarín*”, conduzidas e introduzidas principalmente pela imagem, ganha o verbo, ganha a fotografia, ganha o som. Pode existir, sim, muita vida inteligente no webjornalismo.

### Referências bibliográficas

ALZAMORA, Geane. A semiose da informação webjornalística. In: BRASIL, André (Org.). **Cultura em fluxo**: novas mediações em rede. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004 p.100-125.

CATALÁ, Josep M. **La imagen compleja**: la fenomenologia de la imágenes en la era de la cultura visual. Ballaterra: Universitat Autònoma de Barcelona; Servei de Publicacions, 2005.

MANOVICH, Lev. **El lenguaje de los nuevos medios de comunicación**: la imagen en la era digital. Buenos Aires: Paidós, 2006.

SCOLARI, Carlos S. Diários on-line: el tiempo del hiperlector. In: BRASIL, André (Org.). **Cultura em fluxo**: novas mediações em rede. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004 p.100-125.

VAZ, Sérgio Corrêa. **Painel do webjornalismo no Brasil**: uma análise de 737 sites. São Paulo: ECA/USP, 2006. Dissertação de mestrado.